

Paulo Osorio

Aguilhadadas

Publicação mensal
de critica á arte, á politica e aos costumes

N.º 2—Julho de 1903

Editor — Alberto Ferreira das Neves

PORTO

Typ. a vapor da Empreza Litteraria e Typographica

178 — Rua de D. Pedro — 184

Administração: Avenida de Carreiros, 250

PAULO OSORIO

AGUILHADAS

N.º 2 — JULHO DE 1903

Summario

A Grève. Dois episodios novos em folha. Nas altas regiões. No governo civil e nos jornaes. Alvitrando e mendigando. O patrão e o operario. Exemplos piedosos de immacula paz d'alma. O papel da imprensa. O que ella não deve fazer e o que ella faz. O rabicho do commentario em duas curiosas historias.— *Os Alienados nos tribunaes*, de Julio de Mattos. A deficiencia da nossa legislação medico-legal. O primeiro passo para uma reforma. O estudo da psychiatria. Pedese esta coisa inedita: uma dictadura util e honesta em Portugal. Um caso recente que é um exemplo. Conclusões dogmaticas da imprensa. — Coisas de muito respeito e muita virtude. O programma nacionalista. O que elle é e o que seria logico que fôsse. O unico partido nacionalista possivel n'estas alturas. O snr. José Luciano e os seus actos addicionaes; o snr. Hintze, a sua responsabilidade e a sua esquadra; o Grupo Musical Irmãos Unidos e o hymno da Carta; o snr. Conde de Samodães e o rei-chegou.— *Ambrosio das Mercês*, de Aníbal Soares. Duas palavras sobre um livro que não é bom. Estylo alheio e habilidade propria. D'onde se prova mais uma vèz que o habito não faz o monge e que para ser lobo não basta vestir-lhe a pelle.— Oscar da Silva, o seu concerto e a sua arte. A educação musical no nosso meio. O que seria bello fazer-se e a miseria grotesca do que ha. Um lindo conto para fechar com chave d'ouro.

HOUVE, na grève dos tecelões ha pouco terminada, dois episodios bizarros, extravagantes, novos em folha, que não escapam ao rabicho de papel do commentario. Um foi aquillo do sr. governador civil chamar ao seu gabinete os jornalistas para lhes pedir alvitre; o outro foi o bando precatorio organizado pela imprensa.

Se nas alturas do mando, em vêz da responsabilidade do sr. Hintze, da sobrecasaca cinzenta do sr. Paçô, da pêra do sr. Pinto, do pulso trasmontano do sr. Sousa, da melancolia do sr. Henriques, e d'outras coisas egualmente temerosas e decorativas, estivessem sete homens, ou mesmo três, ou mesmo um, cerebralmente dotados para o officio do governo, livres do espantallo do compromisso, capazes d'um esforço de vontade, e d'um atrevido assomo de justiça, em oito dias a grève teria acabado, sem espectaculos tristonhos de incoherencia e contrasenso, nem sequer exhibições de auctoritarismos deploraveis.

Indicada á evidencia a arbitragem como meio unico de resolver o conflicto, era ao governo que

mais propriamente o papel de arbitro cumpria. A elle, após um inquerito imparcial e rigoroso, cabia fazer respeitar a resolução que melhor coubesse no direito e na justiça — quer ella fôsse em favor dos patrões, quer dos operarios, quer procurasse conciliar, por mutuas concessões, interesses d'ambos. E como meios de fazer respeitar as suas decisões por uns e outros, lá estavam na sua mão, por uma banda, as pautas proteccionistas, á custa das quaes a nossa industria se aguenta e que o parlamento, em meia hora, muda se o governo assim quizer, e, por outra banda, a força publica, sem o assentimento da qual os impecilhos ao ram-ram das coisas são difficeis e as proprias arruaças declamatorias se não fazem.

Pôr-se, sem nada d'isso, ao lado dos grandes senhores da industria, sem querer saber se a humildade do operario tinha mais uma vêz razão de fallar alto, ou deixar expandir, protectoramente, uma grève, com prejuizo para patrões, sem conhecer as razões, porventura acceitaveis, da renitente teimosia d'elles, e consentir que um seu representante graduado chamasse para arbitrarem jornalistas, ignorando que, se auxilio havia a esperar das suas ideias luminosas, ellas estavam claramente nos edictoriaes das suas folhas — é um procedimento que traz em si mesmo o commentario, tão ousadamente penetra nos bemaventurados páramos da tolice nacional.

A incompetencia dos nossos homens publicos é, de resto, coisa invocada por todos os partidos opposicionistas — e sempre com razão. Mas com respeito á imprensa, já não succede assim. E' ella uma entidade que, quando se não admira, respeita-se, que se acaricia porque se teme, que é para as creaturas que se mascaram de importantes na comedia social o mesmo que o papão para os pequeninos: é uma instituição, é uma necessidade, é uma força. Sem os seus artigos de fundo não se fariam as revoluções e os homens publicos, sem os seus telegrammas não chorariam velhinhas de oculos os mortos e os feridos dos descarrilamentos lá de fóra, sem os seus reclamos não venderiam nós os nossos livros, sem os seus folhetins não haveria casamentos de paixão nem suicidios por amôr, sem os seus communicados não se castigariam os malandros, não se quebravam as calumnias, nem se vendia a Badiana Phosphatada de Sued, sem os seus annuncios ficavam ao desamparo os amantes contrariados, amas de leite, lojas de modas, novidades litterarias e criadas de servir. Tratemos pois com respeito entidade que, se alguma coisa prejudica, muito mais ainda remedeia.

Um dos seus membros, e dos mais illustres, lembrou, e os collegas approvaram, que se fizesse um bando precatorio para socorrer as urgentes necessidades de vinte e tantos milhares de crea-

turas que, abandonando o trabalho para pugnar pelos seus direitos, não tinham agora que comer. E os dirigentes da opinião publica portuense lá foram, de chapéu na mão, pedindo esmola, com a banda dos bombeiros na frente, a chamar gente e um landeau puxado a quatro a receber os donativos. E, afinal, os resultados praticos do cortejo — que ao longe pareceu a muitos o banal reclamo das touradas, com a sua musica desafinada e a caruagem d'espavento — reduziram-se a uns centos de mil reis que não abonam muito a proverbial generosidade publica da nossa terra.

Mas se essas moedas e essas notas foram matar a fome a parte da multidão dos sem-trabalho, se aquillo foi levar um raio de luz piedosa e reconfortante, por entre as frestas d'um casebre, sobre os trapos da miseria — a iniciativa é, quando mais não seja, respeitavel e esta penna que procurou sempre ser justa, não poderia traçar n'este momento palavras de censura. Simplesmente, n'uma questão á parte, eu tenho o direito de achar extranho que uns cavalheiros, apresentando-se na sua qualidade de jornalistas, fôsem organizar aquelle bando. Eu vou procurar explicar-me, porque nunca é bom fiar na perspicaz comprehensão dos que nos lêem.

A iniciativa do bando precatório partiu, ao que parece, do sr. Padua Corrêa, jornalista erudito e inteligente, que, ao presente, dirige um democratico jornal d'esta cidade. Consintam, pois, que individualise e que diga ao sr. Padua Corrêa aquillo que de justiça cabe tambem aos seus collegas.

A toda a gente môça, menos desilludida, ainda crente, a todos que aprendem nos livros dos idealistas e sobem, na purêza dos seus principios, ás regiões raro attingidas da razão e de bondade, a todos esses — a causa dos operarios impressiona como uma causa justa. Patrão e operario podem ser o symbolo mais nitidamente perfeito d'essa desigualdade social que as philosophias dos santos e dos bons não reconhecem.

O patrão ostenta as bellas côres da sua saudinha bem comida e a cadeia d'ouro poisando sobre o bojo adiposo dos seus interesses; o operario anda rôto, tem cara de fome e traz os filhos nus. O patrão perde muito, lamenta-se, chora, poupa, economisa, é avaro... e morre rico; o operario acaba n'uma mansarda, atirando em sangue os ultimos farrapos dos seus pulmões desfeitos. O patrão tem um filho a estudar em Coimbra e o outro a flandar na Praça Nova; o operario tem um filho que é um mendigo ou um scelerado, uma filha que hoje passa fome e irá prostituir-se, ao primeiro acaso, um qualquer dia. O patrão vae á noite para o club

resonar n'uma poltrona a excellencia d'uma digestão e de um charuto; o operario vae á noite para a taberna, illudir a vida em tragos d'aguardente... O patrão é um senhor que manda; o operario é um humilhado.

Odeiam-se.

A sympathia pelos opprimidos cabe sempre no bom coração de toda a gente, e o sr. Padua Corrêa é um dos que mais sentidamente a sabe e a professa. E, desde que s. ex.^a tem ás suas ordens as columnas d'um diario que vão ser lidas por milhares de pessoas e cujas ideias e cujas razões hão-de convencer decerto algumas d'ellas, a sua penna deveria communicar aos que o lêem os principios nobres e altruistas que, n'este caso, outros não seriam que os de benevolencia e caridade.

O sr. Padua Corrêa diria no seu jornal que vinte mil pessoas tinham fome, que essas vinte mil pessoas eram honestas, que trabalhavam, que eram uns opprimidos, uns desgraçados, uns sêres sobre os quaes caía bem, com piedade, o alivio d'uma esmola. E o sr. Padua Corrêa teria assim cumprido o seu dever de jornalista, por banda dos sentimentos piedosos. A sua consciencia não fallaria senão louvando, s. ex.^a iria para casa sem

remorsos, com aquella paz d'alma que só vem na recompensa d'um dever que não esquece.

Era a paz d'alma de S. Bernardo, fallando alto aos reis e ajoelhando, com palavras de carinho, para consolar os monges seus irmãos; era a paz d'alma de S. Francisco d'Assis, despresando as suas riquezas e indo por esse mundo a prégar doutrinas de piedade e de perdão; era a paz d'alma de Santo Adelelmo, depois de fazer secar o Tejo para que um rei passasse, a combater as gentes da moirama; era a paz d'alma de S. Jordano, alimentando cincoenta pessoas esfaimadas com dois pequenos pães; era a paz d'alma de S. Tiago desbaratando infieis, montado no seu cavallo branco; era a paz d'alma da princêsa Joanna, levando a graça dos seus vinte annos para o mosteiro de Odivellas; era a paz d'alma da Rainha-Santa quando a encontrou em Estremoz, impedindo a guerra entre o rei de Castella e D. Affonso IV de Portugal; era a paz d'alma de todos os santos, de todos os martyres, de todos os justos, de todos os bons.

Mas dêmos de barato que o sr. Padua Corrêa, sendo um jornalista distincto, seja tambem o seu primeiro leitor. Vamos que a sua prosa comece por convencer a elle proprio. Dir-nos-hão com justiça que s. ex.^a, além de ser um jornalista, é um homem; além de prégar a caridade, pretende igualmente exercê-la. Perfeitamente. O sr. Padua

Corrêa — não o jornalista, mas o homem — faria publicar que uma creatura de piedosos sentimentos e caritativos intuitos, se esforçava por, de camaradagem com outras piedosas e caritativas pessoas, organizar um bando precatorio, em beneficio dos operarios sem trabalho. Estaria tudo bem, ainda mesmo que os personagens fôsem os mesmos. Saberiam toda a gente que não eram os srs. Padua Corrêa, jornalista, o pae Ramos, jornalista, o sr. Marcos Guedes, jornalista, etc., etc, que alli iam, mas apenas, ou, mas antes, os snr. Padua Corrêa, bom coração, o pae Ramos, benemerito, o sr. Marcos Guedes, piedoso.

A imprensa tem um papel seu, de que não deve sahir nunca. Um jornalista a pedir esmola em nome da classe, seja para quem fôr, é tão condemnavel como um jornalista a papar jantares de borla, seja quem fôr que misericordiosamente lh'os offereça. As qualidades pessoaes podem lucrar, d'um para o outro caso, mas o decoro profissional fica na mesma. Eis porque esse lado do bando precatorio é uma coisa absolutamente lamentavel.

E ahi está o que a grève do Porto, no interesse dos seus aspectos, nos deu de edificante.

O SR. dr. Julio de Mattos, illustre medico alienista, publica em volumes a serie de relatorios que tem de formular a cada passo, na sua qualidade de perito n'um conselho medico-legal. São, em grande parte, interessantissimos casos morbidos, de proveitosa leitura para qualquer que se instrua e nomeadamente para os medicos que, entre nós, de tudo aquillo pouco ou nada sabem.

Ora, a qualquer que os leia, estes volumes de certo fazem a convicção de que a lei recente que em Portugal regula os casos da intervenção medica no exercicio da justiça, se bem que pautada pelas melhores de lá de fóra, está longe ainda de satisfazer a quem, sem respeito pela rotina nem preconceitos, sem medo a atirar, n'um piparote, as coisas mais austeras, pretenda no campo da jurisprudencia, uma acção que não brigue com aquillo que até agora, á custa de muito dedicado esforço, se estudou e concluiu em todo o campo da sciencia do crime.

Assim, é justo applaudir a indiscutibilidade do veto medico por magistrados, a perfeita independencia de attribuições do psychiatra e do ba-

charel jurista que esta lei, pela primeira vêz, d'uma maneira precisa, estabelece; simplesmente as nossas duvidas recaem sobre a maneira como a intervenção medica se effectua e pelo alvedrio de quem, por via legal, ella é precisa. O medico vem quando a sua presença é julgada necessaria á recta applicação dos artigos do codigo por qualquer figurante do tribunal: o reu, o advogado, o delegado e o juiz; d'onde, evidentemente, a primeira suspeita sobre a origem malsana do delicto tem de sahir da consciencia do proprio delinquente, o que, no caso da loucura, é um contrasenso, ou do entendimento de qualquer senhor jurista, bacharelete em leis, muito lido em direito romano e grego e outras lindas e decorativas coisas, mas pouco adestrado na comprehensão de doenças com uma syntomologia vastissima e variada, que mesmo, pelo seu feitio muito particular e transcendente, a sciencia do medico vulgar as mais das vêzes não alcança.

De modo que só se recorre ao conselho medico-legal quando o caso de desequilibrio psychico se prolongue em duradoira crise até ao momento da intervenção judiciaria que por circumstancias varias — fuga ou qualquer outra — póde ser distante e, quando dure ainda, seja evidente pela sua exteriorisação mais ruidosa e mais grosseira. E, mesmo presumida a irresponsabilidade, ao alienista faltam por completo os dados que

um interrogatorio de testemunhas, levado em justa orientação, podia conseguir para poderosamente o auxiliar no seu trabalho.

O que era preciso, pois? Que em cada tribunal de instrução ou julgamento — junto ao juiz, encarregado de applicar a lei, consoante as decisões d'um jury, ao delegado incumbido de apresentar as bases da accusação, ao advogado para fazer resaltar a inanidade d'essas bases ou as razões attenuantes do delicto — houvesse um medico com a faculdade de interrogar testemunhas, promover inqueritos, fazer suspender a audiencia se melhor entendesse e pelo tempo que quizesse, para mais detida observação do delinquente sem precipitações de lamentar no seu estudo.

Mas para que tal coisa lograsse ter uma realisação pratica e proficua eram precisos medicos psychiatras, e infelizmente em Portugal ha dois ou três. Nas nossas Escolas Medicas toda a pathologia do espirito se descursa e apenas os alumnos de medicina legal têm a faculdade de assistir, durante o seu anno de frequencia, aos exames do conselho e fazer, se assim quizerem, a leitura dos relatorios. Isso não substitue a boa ordem, a exposição methodica d'um curso: é uma instrução vaga, variavel e episodica, á mercê dos casos soltos que porventura appareçam no decorrer d'uns sete mêses de frequencia.

Fez-se recentemente uma reforma de instrução

medica, inventaram-se os mais extraordinarios cargos, sem que o ensino com tal coisa venha a lucrar muito; mas da creação urgente da cadeira de psychiatria não se fallou. Pois é preciso que isso se faça instantemente como primeiro passo para uma ampla reforma dos nossos serviços medico-legaes. Decrete-o o governo em dictadura — que as tem feito sem protesto para muita coisa peor — e, já que três homens de valor em Portugal existem, com trabalhos que os collocam a par dos primeiros psychiatras da Europa, sejam esses homens postos a reger, nas tres escolas do reino, essas cadeiras, sem que preciso seja submittê-los a um concurso que, n'este caso, sobre ser difficil, seria inutil.

*

Depois de escriptas as palavras que precedem, deu-se na Penitenciaria de Lisboa um caso que vem servir de optimo exemplo para corroborar a justiça das minhas considerações. Foi o caso de um preso, condemnado por homicidio com todas as aggravantes do codigo, tendo ido á consulta, procurar matar o medico, golpeando-lhe a carotida com a lamina d'uma tesoura do seu officio de recluso. O homem, que é hoje apenas o n.º 203, queixava-se de que o medico o tinha envenenado e, depois do attentado, elle, para mais soffrendo ha muito

uma tuberculose vertebral, luctou com desespero contra os que tentavam segurá-lo. Sabe-se mais que o crime que expiava era o de ter assassinado, rompendo-lhe a carotida com uma tesoura, um homem na sua terra. Os jornaes de Lisboa contam o caso. O *Seculo*, judiciosamente, diz que «é fóra de duvida que o crime se deu por malvadez, producto de pessimos instinctos»; o *Popular* chama-lhe «uma féra.» Provavelmente, no tribunal, juiz, delegado, defensor e o proprio jury, tiveram todos a mesma opinião. E comtudo o caso de doença é typico e tão claro que um inquerito em termos teria posto desde logo n'um manicomio, e para sempre, aquelle desgraçado.



APPARECEU no *Correio Nacional* e na *Palavra* o programma do Partido Nacionalista. É mais um grupo — ao que parece, numeroso — de individuos que, reunidos para commum defêsa n'um periodo de arruaças e protestos que passou, precisa hoje, por qualquer modo, de justificar, aos olhos de nós todos, a razão de ser da sua autonomia.

No longo articulado que condensa as com-

plexas aspirações do novo grupo, tal razão se não descortina facilmente e, se não fôsse um simulado interesse por questões proletarias que lá assoma e a agua-benta a borrar todas as audaciosas arremettidas e propositos valentes, a gente tinha a impressão de já ter visto aquillo, mais ou menos, em todos os publicos programmas, mesmo no tempo em que a letra d'esses programmas algumas vêzes se obrigava pela eloquencia antirethorica das bayonetas.

Depois, este documento é um desastre: termina, muito a correr, reconhecendo a necessidade de instruir, quando logicamente por ahi devêra começar, e cança-se a pedir defêsas terrestres e maritimas, armamentos e fortalêzas, marinha armada, petardos, canhões e o diabo, n'uma furia bellica que mal fica no sr. Jacintho Candido, que candido é como o seu nome, e ainda peor vae com a catholicissima orientação do seu partido.

Ora o Nacionalismo, formado assim de aparas miguelistas, abbades bem nutridos, estadistas de sacristia e mocinhos degenerados, não tem, d'essa maneira, pretexto algum plausivel para surgir no combate politico n'esta altura. Hoje, apenas haveria razão de ser para o advento d'um partido — Nacionalista ou Tradiccionista — que trouxesse, com lealdade, um programma que podia, succintamente, ser assim :

« Meus senhores :

Uns longos e accidentados setenta annos de dolorosa experiencia devem-nos ter convencido de que isso de constitucionalismo é coisa que se não dá na nossa terra. Nunca a liberdade tão mal esteve por este canto, nem a representação nacional, peor mil vêzes que a das antigas côrtes portugêsas, teve mais o feitio inteiro d'uma burla. E, como quer que republicas estejam vêrdes para bom exito, n'um paiz que nem lêr sabe ; — peça-se a Sua Magestade El-Rei que mande á fava os seus ministros, reuna clero, nobrêza e povo, leia a historia d'outros tempos e procure imitá-la honrosamente. »

Eis ahi uma coisa clara, absolutamente clara, atirando para a discussão uma ideia hoje afastada e que não seria mau vêr andar ás turras com a multidão de ideias luminosas que ahi vêmos.

Era decerto uma celeuma que se erguia a combater o novo grupo, eram velhos do Mindello, se os ha, a deixarem prender nas suas barbas brancas muitas lagrimas de dôr; era o sr. José Luciano de Castro, com uma syncope, ávido de remediar ainda alguma coisa, a expellir actos addicionaes pelo outro lado; era o sr. Hintze a tomar a responsabilidade e a mandar para Braga, fóco de reacção, a esquadra inteira; era o Grupo Musical Irmãos Unidos a desafinar o hymno, succumbido; era o

sr. Conde de Samodães, novo e lesto, a cantarolar o rei-chegou . . .

Mas, no fim de contas, era um partido e uma opinião. Boa ou má, muito embora, mas uma opinião. E ter uma opinião, hoje em dia, não é coisa que aconteça a cada passo a qualquer borrabotas português.



OLIVRO *Ambrosio das Mercês*, de Annibal Soares, que, precedido d'um ambiguo e amaneirado prefacio do sr. Malheiro Dias, appareceu ahi ha pouco nas estantes dos livreiros, é, no fim de contas, uma coisa descosida, monotona, sem emoção e sem interesse, que não prende o espirito de quem lê mais d'um instante, nem logra, por attendiveis razões, nobilitar-se pelo brilho inusitado do seu claro estylo.

Deficiente quando se encosta á realidade, fallho ainda quando sobe, pela vereda mais accessivel do sonho, ás livres regiões da phantasia, o trabalho do moço litterato de Coimbra não consegue pôr em luminoso destaque, marcados nitidamente os contornos da sua figura, o vulto primacial do seu Ambrosio. Todo o feitio moral do personagem cujo traço parece constituir a razão de

ser d'esta novella, não resalta dos fragmentos das memorias d'elle, alli transcriptas, — de modo a passar-nos despercebido certamente se as previas e finaes palavras do auctor nos não elucidassem. Fica a gente, por esses primeiro e ultimo discursos do novellista, sabendo o que elle queria fazer e que não pôde ou que não soube, e quasi que lamenta, para tão frustrado intento, o brilho d'uma forma que seria de muito gabar se fôsse d'elle.

Mas não é: o sr. Annibal Soares quiz ser Eça de Queiroz e procurou apprehender-lhe o estylo e os processos; não os processos do seu romance de grande tomo e maior valia, mas simplesmente o das phantasias delicadas e deliciosamente espi-rituosas em que o mestre de Neully gastava mais á larga os opulentos recursos da sua prosa. Melhor fôra que o sr. Annibal Soares, sem descurar o ensino dos grandes mestres, quizesse ser apenas, e o melhor possivel... Annibal Soares. Não basta vestir-lhe a pelle para ser lobo e, assim, o novo escriptor, procurando quasi perfeitamente apropriar o estylo do romancista morto, não conseguiu decerto ir buscar a ironia subtil e aristocratica, o poder de formar com arte um phantasioso enredo, de trazer um personagem á clara luz no nosso espirito, que eram em Eça dos mais salientes predicados do seu talento enorme.

Dir-me-hão agora que conseguir imitar o Eça, mesmo sómente no estylo, é já um merito. E

eŭ irei retorquir que, não só por isso como por certas paginas adoraveis do seu livro d'hoje, o sr. Annibal Soares se mostra possuidor de qualidades primordiaes que, se elle quizer, em pouco tempo o hão-de empurrar para deante e para bem longe dos patetinhas da sua geração. Mas dizer-lhe hoje que é perfeito, que o seu livro é irreprehensivel e que, na sequencia da sua vida litteraria fique, pelos processos da sua arte, na falsa posição em que 'ora está, seria decerto uma má acção que, no futuro, quando a sua consciencia, livre das illusões do momento, repontasse, o intelligente escriptor nos não poderia perdoar.



O CONCERTO que Oscar da Silva ahi organisou com peças suas, deixou uma encantadora impressão que me é grato fixar n'este momento.

Aquelle que um dia chamou o *Schumann do sul* a esse rapaz teve a noção exacta da maneira de sentir e de crear do artista e soube, de relance, n'uma phrase concisamente feliz, definir a face mais brilhante do seu bello espirito e o ca-

racter mais saliente da sua arte de compositor e executante.

Schumann é talvez em toda a musica o mais bello, o mais puro, diria mesmo o mais casto, dos cantores do amor; a sua arte vem dizer-nos a cada passo um idyllio romanesco de adolescentes, é feita com a alma aberta á expansão dos sentimentos simples, grandes ainda na singelêza da sua immaculada bondade. Oscar da Silva é um meridional, mais celta que o outro para sentir o amor forte, arrebatado e ardente, germano como elle para subir, como um eleito, á sua preciosa torre de marfim de idealista.

Schumann era um desequilibrado, com a predestinação d'uma gloria d'arte, passando d'uma vida tranquillã aos seus vinte e três annos lype-maniacos, visitado, já no hospicio, pelos espectros de Mendelssohn e Beethoven que vinham, com o seu genio, segredar-lhe combinações musicaes extraordinarias. Esse rapaz cujas obras escutamos n'um enlevo, se não é, por felicidade sua, doente em tal grau de lastima e tortura, é decerto uma organização vibratil, impressionavel, nervoso, amando a arte sobre todas as coisas, dando-lhe de bom grado todo o valor do seu trabalho, todo o esforço da sua vocação irrecusavel.

E, no fim de contas, a sua musica, d'uma architectura tão sobria, tão despida de trucs, desenfetada e só, com a singelêza quasi primitiva do

seu encanto, é bem nitidamente a musica de Portugal. E a nossa raça, com o seu fado e a sua historia, a sua morbidêza de sempre e a sua miseria d'hoje, a chorar cantando, a erguer-se, entre soluços, com impulsos de aventura e brados de Quixote, em paginas de musica que nós sentimos na alma, porque já cá estavam, latentes, informu-ladas, mas fundamentalmente — assim.

Alguns numeros do *Album de Lembranças* — como por exemplo, a *Ultima Serenata* e *Nostalgia*, — as *Endechas* e, sobretudo, essa deliciosa *Melodia* para violino, violoncello e piano, são trechos que não esquecem e que, sendo obra d'um rapaz, bastam a garantir um futuro de coisas impeccaveis, regorgitando, como as de hoje, de emoção e de talento.

*

E logo este concerto me fez pensar no desamparo em que essa linda arte da musica vae indo na nossa terra e me recordou a necessidade de fazer ahi uma larga propaganda orientada e perfeita, methodicamente educando os que não sabem, e satisfazendo, nos iniciados, tantos vivos desejos de boa arte.

A educação artistica do nosso publico está por fazer inteiramente e em frente da ignorancia e consequente indiferença da maior parte, a desmoralisação do artista vem, com frequencia, a pôr

uma nota deploravel na maioria dos concertos que ahi vêmos. Deante d'um publico de ouvido pouco afeito e d'uma esthese vagamente duvidosa, o artista mal cuida de ser probo, executando com respeito os originaes dos mestres, e não estuda, não ensaia, não pensa, com os estimulos do exito, n'um successo que não seja arrancado com habilidades technicas de polichinello, mais ou menos estropiadas, á grande maioria dos incultos.

Ah! meus amigos, nunca me hade esquecer, como já ouvi Schubert e Bach, por um grupo de cavalheiros, certa noite; o sangue frio com que se marrava em cada compasso e se punham todas aquellas harmoniosas, limpidas e claras coisas n'uma inconcebivel mistura, ás cambalhotas. E quanto eu quereria n'esse instante ser Allan-Kardec, de Rochas, Flamarion, Claudino Netto, Sousa Couto, chamar áquelle palco os dois Grandes Espiritos, levantar aquellas abas das casacas ás alturas das suas botinas romanticas e dos seus sapatos Luiz XV e, n'uma mesura respeitosa, convidá-los a correr os interpretes que os calumniavam compromettedoramente, escandalosamente — a pontapé.

Accresce, para má sorte da vulgarisação musical na nossa terra, que nos falta uma sala de concertos e uma sociedade intelligente e criteriosamente organizada que os promova. Para a sua realisação deveriam convergir os esforços de pes-

soas que se interessam e, ou eu me engano muito ou, posta em acção uma boa-vontade decidida por parte de alguns elementos soberbos que contamos, dentro em pouco poderíamos ter no Porto uma Academia de musica, com os seus aggremiados, os seus concertos publicos, uma orchestra que nos revelaria os mysterios para nós das grandes symphonias, solistas dos melhores, d'aqui e lá de fóra, que de vêz em quando viessem dizer-nos as preciosas coisas raro ouvidas do seu virtuosismo de mestres e das suas almas d'artistas.

Isso é preciso que se faça, e quanto antes. O que temos nem por sombras remedeia.

É certo que ahi existe uma sociedade de gente fina, finissima, quasi diaphana, que pelas salas arrasta o melhor das suas sedas, o lustro dos seus peitinhos, o vago e subtil dos seus perfumes. É um gremio amavel em que se namora, se faz barulho, se dá largas á má-língua e se discutem cambios—e onde, por má fortuna, se exhibem celebidades que noventa e nove por cem dos seus escolhidissimos socios não percebem. É um gremio susceptivel e delicado como uma sensitiva ou uma creatura coceguenta, e, uma vêz que alguem lhe disse que os seus socios, com excepções honrosas e notaveis, applaudiam Chopin como Reverte, a sabia aggremação encavacou.

De resto, tudo boas pessoas, tementes a Deus,

muito lisas nos seus negocios, mas que de fusas e semi-ditas pouco ou nada sabem.

Da derradeira e, como tal, inolvidada vêz que tive a ventura de assistir a uma das suas festas, transpondo sem entraves os humbraes d'aquelle templo d'arte, ouvia-se, divinamente tocado, um trecho de não me lembro bem que grande auctor. Junto a mim, um capitalista e industrial escutava n'um enlevo e, subitamente, para o seu vizinho, outro janota, n'um grande ar de revelação e de mysterio:

— Parece-me que... isto é classico.

— Sim, — responde o outro, não menos grave, na solemne compostura dos seus bigodes hirtos, — já me quiz parecer tambem.

... E o artista foi muito e estrondosamente applaudido.



As *Aguilhadas* apparecerão em volumes de 24 paginas, ao preço avulso de 50 reis.

Assignatura annual (pagamento adiantado) 500 reis.

“A Provincia,”

Este jornal da tarde, de grande circulação no Porto, com dezoito annos de existencia, passou por grandes transformações. Tem um largo serviço d’informação telegraphica, interna e externa; um corpo de redacção que preenche numerosas secções de politica, de critica e de arte, do qual fazem parte Augusto de Castro, A. de Castro Neves, Fernandes Reis, Amadeu Cunha, Rodrigo Solano, Julio d’Oliveira e Paulo Osorio, e uma brilhante collaboração litteraria de Julio Dantas, Carlos Malheiro Dias, Mayer Garção, Bulhão Pato, Antonio Patricio, Justino de Montalvão, João Lucio, Annibal Soares, D. Francisco Villaes-
pessa e muitos outros.

Escriptorios : Rua das Oliveiras, 79 — Porto